



ADEUS ILUSÃO

Não é um jogo perdido, são quatro anos.
Quatro anos para montar um time,
esperar, desacreditar, acreditar de novo.

Quatro anos mordendo a bandeira,
escondendo-se das piadas, redundando a fé, secando
as lágrimas, rindo torto.

Quatro anos da vida de cada brasileiro, quatro
anos de gaveta para a camiseta amarela. Nenhuma
outra estrela será bordada sob o escudo.

Quatro anos de campeonatos nacionais,
competições internacionais, para definir quem pode
surgir e fazer diferença.

Quatro anos rezando para que Neymar
não envelheça, que Gabriel Jesus amadureça,
que Philippe Coutinho mantenha a sua timidez
selvagem, que Willian exploda de verdade, que

Douglas Costa e Firmino segurem o seu fôlego.

Quatro anos sem mais nenhuma chance de
Paulinho beijar a taça, de Thiago Silva levantar
a Copa do Mundo, uma geração se despede na
derrota contra a Bélgica.

Quatro anos para um país onde o futebol é
tudo, que não deveria ser assim, mas ultimamente
não tem mais nada para se orgulhar. Agora é
voltar para as balas perdidas, voltar para as
greves, voltar para a recessão, voltar para a
impunidade, voltar para a crise, voltar para a
incógnita das eleições. As ilusões são mais breves
do que os sonhos.

Não são quatro anos, minto, já são dezesseis
anos. A idade de meu filho.

Fabício Carpinejar

Aniversariantes da Semana

06/07 - Ana Claudia Oitavan Pamponet

06/07 - Sandra Maria Almeida de Barros

06/07 - Ana Luiza Sampaio Oliveira

06/07 - Jéssica Alves de Carvalho

07/07 - Kleber Correia Portela

07/07 - Edival Mendes Vieira

07/07 - Tatiana da Cunha Almeida

08/07 - Marlene Anjos Oliveira

08/07 - Fernanda Maisa Costa Franca

08/07 - Sandra Felício de Santana

08/07 - Seleno Barreto Bouzas

09/07 - Helenilza Santos Farias

10/07 - Jacqueline Salles Pereira

11/07 - Samuel dos Santos Mendonça

11/07 - Jose Luiz Gomes

12/07 - Noemia Angelo Vieira

12/07 - Yone Brandao Caribe

12/07 - Gersiane Vieira Santana Pando

13/07 - Aline Correia de Araujo

13/07 - Cybele Ribeiro

14/07 - Fernanda Marques Rosa





O COMPLEXO DE PORTNOY E O TEATRO DE SABBATH

Os dois títulos acima fazem parte das 31 obras geniais do polêmico norte americano Phillip Roth, morto em maio último.

Roth foi um dos escritores mais prestigiados no mundo, o único americano em vida a ter suas obras completas publicadas pela Library of America, instituição que objetiva preservar a herança cultural americana. Oito dos seus livros foram adaptados para o cinema e o número de prêmios é respeitável, só tendo lhe faltado o Nobel, o que sempre motivou críticas unânimes à academia sueca.

O Complexo de Portnoy é a terceira obra de Roth e quando do seu lançamento, em 1969, foi uma bomba em termos de repercussão e polêmica. O livro levou o autor ao patamar dos grandes escritores e deixou-o milionário. Em 1972 o livro foi adaptado para o cinema

Toda a narrativa do livro é uma grande sessão de terapia do judeu americano Alexander Portnoy, — todos os protagonistas dos livros de Roth são judeus, como ele, espécies de alteregos — e aqui o narrador expõe ao analista suas pulsões sexuais incontroláveis e as obsessões com as quais não sabe lidar e que tenta, sem sucesso, reprimir.

Ao mesmo tempo o livro é obscuro e divertido e Portnoy tornou-se símbolo de uma cultura, um feito e tanto para um autor que ainda escreveria, com grande sucesso, dezenas de livros depois deste.

Quase meio século após seu lançamento, O Complexo de Portnoy mantém sua força, mesmo não chocando tanto como nos anos 70 e 80, quando a contracultura e a luta pelos direitos civis eram mais vibrantes.

Portnoy, o atormentado pelo seu forte Complexo de Édipo e culpa, não terá facilidade para se livrar das suas neuroses e da fortíssima influência da mãe judia — mãe judia é um clássico: *"Ela estava tão profundamente entranhada em minha consciência que, no primeiro ano na escola, eu tinha a impressão de que todas as professoras eram minha mãe disfarçada. Assim que tocava o sinal ao final das aulas, eu voltava correndo para casa, na esperança de chegar ao apartamento em que morávamos antes que ela tivesse tempo de se transformar. Invariavelmente ela já estava na cozinha, preparando leite com biscoitos para mim. No entanto, em vez de me livrar dessas ilusões, essa proeza só fazia crescer minha admiração pelos poderes dela"*.

Com linguagem vulgar e narrativa sem cronologia, quase fluxo de pensamento, já que se trata de uma grande sessão catártica com um terapeuta, Roth não economiza nas tintas e percebemos um Portnoy repleto de autoironia, inteligência e sagacidade. Em certas passagens, como já foi relatado por vários leitores, fui tomado por gargalhadas. Despudorado e engraçado, esse livro conquista. Não pede licença nem perdão. Leia-o com deleite e sem culpa. Deixe toda culpa para o pobre Portnoy, pois ele já a tem de sobra.

O Teatro de Sabbath, de 1995, era o livro favorito do próprio Phillip Roth, entre todas as suas obras. Mais polêmico ainda do que O Complexo de Portnoy, a obra tornou-se de imediato um fenômeno em termos de adoração ou aversão. As feministas mais ferrenhas chegaram a colocá-lo no índice dos livros mais odiosos e seu personagem principal, o cínico e imoral Mickey Sabbath, considerado a epítome do porco chauvinista.

O judeu quase septuagenário Mickey Sabbath é um artista de fantoches aposentado apresentado ao leitor em plena crise

existencial e decadência física e moral. Acompanhamos seu declínio graças ao talento para criar conflitos e buscar situações limites que o levem cada vez mais para baixo. Nesse caminho, ele vê seus pouquíssimos amigos morrendo e em alguns momentos temos a impressão de que este homem é um bôldo desgovernado que só é capaz de sentir e causar amargor.

Ledo engano. Sabbath, contra todo seu instinto canalha, mantém forte melancolia com algumas pessoas: o irmão mais velho, herói aviador abatido pelos japoneses na 2ª Guerra; a mãe, força da natureza e esteio da família, em demência senil após não superar a morte do filho. Após a morte da mãe, o pai de Sabbath segue o mesmo destino.

Sozinho, esse homem faz sua jornada rumo a um prometido, mas improvável suicídio. No caminho, conquistando prisão por indecência,

demissão da Universidade por assédio sexual a uma aluna graças à férrea recusa em integrar uma sociedade onde há convenções e regras, Sabbath é incoercível seja pela lei, pelos costumes, pela moral ou pelo remorso. Trai, rouba, mente, subjulga, corrompe e estraga tudo à sua volta.

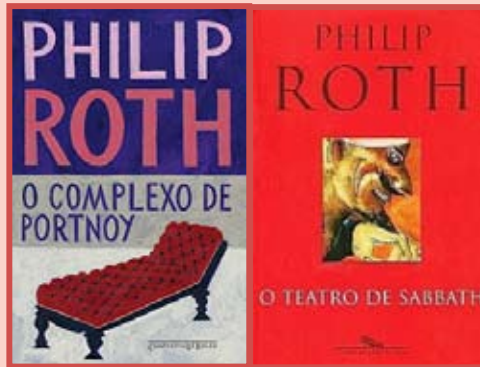
Mesmo atormentado pelos fantasmas do passado — em certos trechos há vários diálogos com a mãe morta (uma imagem extremamente judaica) — uma metáfora da sua solidão, ele vive cercado de mulheres com quem divide a sexualidade desregada.

Mas Sabbath não é um personagem óbvio, um vilão raso, pois sob um olhar mais cuidadoso do leitor, exhibe talvez um envergonhado verniz de ternura. Isso fica evidente na sua busca desesperada por um sentido final para sua vida após a morte de todos os seus parentes e mesmo após o câncer levar a sua amante, alguém tão importante para ele quanto foi a própria mãe.

Após Sabbath perder tudo e todos, já totalmente à deriva, Phillip Roth, como que emulando Machado de Assis ao defender seu Bentinho em Dom Casmurro, diz diretamente para o seu leitor: *"Não seja tão duro com Sabbath, Leitor"*. E defende seu protagonista a seguir, refletindo sobre qual homem resistiria a uma oferta sedutora, repetida várias vezes por uma moça com um terço da sua idade: *"Nem o turbulento debate interior, nem a superabundância de autossubversão, nem os anos de leitura sobre a morte, nem a amarga experiência da aflição, da perda, da injustiça e da dor tornam mais fácil fazer bom uso dos seus miolos quando confrontado com uma oferta como aquela"*.

Para o leitor brasileiro, sobretudo baiano, o livro reserva alguns momentos mais divertidos quando o protagonista relembra seu período de marinheiro, onde só lhe importava chegar a um porto qualquer para se deleitar nos prostíbulos do lugar. Sobre Salvador, Sabbath afirma que havia uma igreja e um bordel para cada dia do ano: *"Lugar propício à imaginação, a Bahia"* e recomenda a um dos poucos amigos deixar sua jovem filha virgem vir para cá: *"Ela aprenderia muito mais sobre o texto criativo em um mês na Bahia do que em quatro anos na Universidade Brown"*. E ao revirar as gavetas da moça e só encontrar objetos que denotam seu recato, o bruto sentencia sobre ela: *"Você não sobreviveria cinco minutos na Bahia"*.

Tudo bem que só li *"O Teatro de Sabbath"* este mês, mas estou sobrevivendo na Bahia há 55 anos. Não podem me acusar de recato!



RESTAURANTES Convênios

Que tal sair para jantar
fora ou comer algo diferente
em casa?
Sair da rotina é bom e
para comer é melhor ainda!
APROVEITE os descontos nos
convênios:



ESPAÇO TERAPÊUTICO

Caro(a) associado(a),

Visando o bom funcionamento do Espaço Terapêutico da ASSERJUF, algumas normas foram estabelecidas desde a sua instalação para melhor atendimento no espaço e com o objetivo de evitar possíveis transtornos para você, nosso(a) associado(a), e para o profissional. Atente-se!

1 – Cada horário agendado funciona como um contrato de responsabilidade recíproca entre o cliente (associado) e o profissional.

2 – O(A) associado(a) ao marcar o seu horário assume o compromisso de estar presente na hora marcada, pois se houver atraso, terá o seu tempo de atendimento reduzido ao tempo disponível restante, a fim de não prejudicar o cliente seguinte.

3 – Havendo algum impedimento, o(a) associado(a) deverá informar com antecedência de no mínimo 02 horas a sua impossibilidade de comparecer à hora marcada.

4 – O(A) associado(a) que não puder comparecer no horário estabelecido sem comunicar em, até,

duas horas de antecedência, perderá o direito ao horário mantendo o pagamento da hora ao profissional. Para facilitar essa comunicação a Asserjuf tem Whats App 71 99603-9313.

5 – Uma possível compensação de horário perdido deve ser acertada diretamente com o profissional, sem que este tenha a obrigatoriedade sobre esta compensação.

6 – As marcações de horários devem ser feitas diretamente ao atendimento do espaço terapêutico, pessoalmente ou por telefone, através do ramal: 2732.

7 – Envie sugestões para beneficiosasserjuf@gmail.com



ASSERJUF

\$\$\$ PRESTAÇÃO DE CONTAS

Caro(a) Associado(a),

A Diretoria Financeira da ASSERJUF publica nesta edição, o Demonstrativo Administrativo-Financeiro referente ao mês de **ABRIL/2018**. Os documentos fiscais comprobatórios estão no escritório à disposição de qualquer associado. Para maiores esclarecimentos, a diretoria da ASSERJUF estará à disposição pelo e-mail: asserjuf@trf1.jus.br.

DEMONSTRATIVO ADMINISTRATIVO - FINANCEIRO

ABRIL 2018

RECEITAS OPERACIONAIS ¹	R\$ 36.563,41
DESPESAS OPERACIONAIS ²	R\$ 35.416,86
RESULTADO	R\$ 1.146,55
RECEITAS NÃO-OPERACIONAIS ³	R\$ 15.299,39
DESPESAS NÃO-OPERACIONAIS ⁴	R\$ 6.520,10
RESULTADO	R\$ 8.779,29
RESULTADO DO MÊS	R\$ 9.925,84

(1) CONTRIBUIÇÃO DOS ASSOCIADOS. (2) DESPESAS COM FOLHA; IMPOSTOS; CONTABILIDADE; JURÍDICO; TELEFONE; INTERNET; BRINDES E PRESENTES. (3) OUTRAS CONTRIBUIÇÕES. (4) OUTRAS DESPESAS.



JURÍDICO

CUSTEIO DO AUXÍLIO-TRANSPORTE DEVE INCIDIR SOBRE O VALOR DO BENEFÍCIO E NÃO SOBRE A REMUNERAÇÃO

Em processo de associado da ASSERJUF, patrocinado pela assessoria jurídica da entidade, o Juízo da 15ª Vara do Juizado Especial Federal da Seção Judiciária da Bahia decidiu que o custeio do auxílio transporte, fixado atualmente em 6% (seis por cento) sobre a remuneração, deve, em verdade, incidir sobre o valor do benefício.

O processo, originalmente, busca a declaração do direito à percepção do auxílio-transporte independentemente de comprovação da utilização de transporte público para o deslocamento entre o trabalho e a residência do servidor e a declaração de inexigibilidade do custeio do auxílio.

Entretanto o acolhimento ainda que parcial do pedido viabiliza a percepção do auxílio-transporte àqueles servidores para os quais a incidência do custeio sobre a remuneração perfaz, hoje, um valor superior ao próprio benefício.

A decisão, ainda não definitiva, abre um importante precedente na defesa dos direitos dos servidores do Judiciário federal.

Os interessados no ajuizamento desta ação devem procurar a assessoria jurídica da ASSERJUF munidos das fichas financeiras dos últimos cinco anos, cópia de um documento que contenha o CPF e comprovante de residência.



AGENDA CULTURAL



TEATRO: QUINTAS GREGORIANAS

Neste mês de julho, o projeto Quintas Gregorianas faz uma homenagem ao Dia Internacional da Mulher Negra Latino-americana e Afro-caribenha, comemorado em 25 de julho. A atração é o espetáculo "Nois Vamo Meter Mão", que ganha a cena todas as quintas-feiras dia 5, 19h, na Galeria do Teatro Gregório de Mattos.



EXPOSIÇÃO: PODER

No Teatro Jorge Amado, a exposição retrata mulheres negras amplamente conhecidas. Personalidades do mundo da música, cinema, televisão, jornalismo, etc. que lutaram e continuam resistindo às discriminações que lhe são impostas pela sua condição natural. A exposição acontece durante o mês de julho.



CINEMA: UMA TEMPORADA NA FRANÇA

Abbas, um professor africano deixou seu país para ficar longe da guerra civil que assolava a África Central. Junto com seus dois filhos, partiu para a França buscando um recomeço, e lá pediu asilo político. Ele se apaixona por Carole, que oferece teto e comida para Abbas e seus filhos. Após dois anos de espera, o pedido foi rejeitado pelo governo, e prestes a ser expulso do país, eles precisam tomar uma difícil decisão.



CINEMA: COMBOIO DE SAL E AÇÚCAR

Moçambique, 1988. Em meio à guerra civil, militares escoltam um trem de carga lotado de mercadorias e pessoas que buscam uma vida melhor. Muitos viajam para trocar além das fronteiras sal por açúcar, escasso localmente, e o grande desafio da jornada cheia de atritos.